

Ensino como espancamento: “quem dá o pão, dá o ensino”

Chie Hirose¹

Jean Lauand²

Resumo: O artigo acompanha o sombrio sentido de “ensino” no provérbio “Quem dá o pão, dá o ensino”, desde seu surgimento na imprensa nacional desde a década de 1870 até sua reparadora alteração semântica, a partir dos anos 1950. Contempla-se também as razões dessa reviravolta.

Palavras Chave: ensino. educação. punições e castigos. semântica e épocas.

Abstract: The article traces the dark meaning of “teaching” in the proverb “He who gives the bread also gives the teaching,” from its emergence in the Brazilian press in the 1870s to its redemptive semantic shift beginning in the 1950s. It also examines the reasons behind this transformation.

Keywords: teaching. education. punishment and penalties. semantics and historical periods.

1. Nota prévia

Este artigo foi realizado por meio de buscas na valiosa ferramenta de pesquisas, que é a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que abreviaremos por BN, Nas citações indicaremos o nome do periódico, seguido da sigla do Estado da federação a que pertence.

1. Um sentido sombrio de “ensino”

No Grande Dicionário Houaiss, a palavra “ensino” apresenta múltiplos sentidos, dos quais a maioria está associada, naturalmente, à educação enquanto processo de instrução formal, escolar. Todavia, um outro significado, menos evidenciado, mas historicamente relevante, refere-se à “reprimenda dirigida a alguém em razão de incorreção ou inadequação em seu comportamento ou modo de ser; admoestação, ensinadela, repreensão <descortesia corrige-se com ensino>”.

Essa forma de correção pode manifestar-se tanto verbalmente quanto por meio de castigos físicos, exemplificada por relatos como o daquele pai que esfregava pimenta na boca da filha de cinco anos, enquanto gritava: “Vou te ensinar a falar palavrão...”.

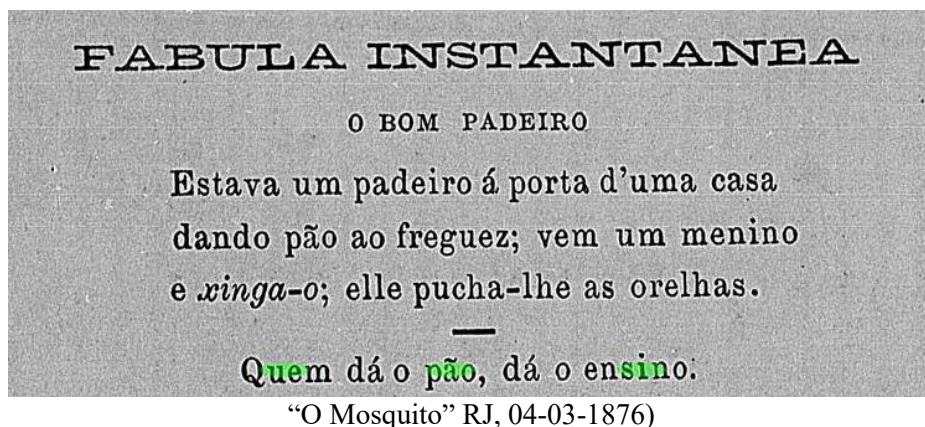
Entre a segunda metade do século XIX e até o fim da década de 1930, é muito frequent na BN o provérbio “quem dá o pão, dá o ensino”, cuja interpretação contemporânea tende a restringir-se ao entendimento de que o provedor deve alimentar e cuidar de seus dependentes. Contudo, historicamente, esse provérbio carregava um significado distinto e sombrio: conferia ao provedor (pai, patrão,

¹. Professora alfabetizadora em escola da Prefeitura Municipal de São Paulo. Tem dois pós-doutorados em Educação pela FEUSP.

². Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Membro do Corpo de Redatores do Grande Dicionário Houaiss.

marido, governante etc.) o direito (e o dever...) de impor castigos físicos aos seus dependentes, filhos, esposas, funcionários, aprendizes, alunos etc.

Já o primeiro uso do adágio na BN dá-se como um castigo físico, que é aplicado no filho de um freguês, pelo “bom” padeiro (que, na época, entregava o pão de casa em casa)! Contém um trocadilho humorístico:]



E, em diversas aparições do provérbio na BN, naquela década de 1870, ele é expressamente invocado ao se falar de patrões agressivos em ocorrências policiais: um “ante-hontem foi preso por querer ensinar a pancadas um seu empregado” (“Gazeta de Noticias” RJ, 08-12-1878); outro espancou e feriu no braço um empregado que levou o caso à polícia (“A Reforma” RJ, 12-04-1878); um terceiro amassou as costas de seu caixeiro (“O Cruzeiro” RJ, 08-12-1878).

Jogando com as palavras “pão” e “pau” (na época grafada “pao”), diz-se que, para os tolos, haverá “pao” dando ensino (“Almanach Brasileiro Illustrado” RJ, 1876).

Na charge de “Careta” (RJ, 24-6-1916), o ensino é o mesmo que pancada. A velha diz: “quem dá o pão, dá o ensino”, e o menino: “com um ensino desse tamanho, eu acabo mais instruído que alimentado”.



Também à esposa estende-se o poder do marido de dar “o ensino”, já que “o pão” é dado a ela por ele. Uma matéria sugestivamente intitulada “Cuidado com os provérbios”, publicada na “Gazeta da Tarde” (RJ, 19-02-1884), narra um julgamento em que o réu é acusado de espancar a mulher.

O texto começa ressaltando a soberania do provérbio e que um tal Isidoro (o réu) o elevou “à altura de um princípio matrimonial”. Durante uma discussão do casal, a mulher se exalta, grita, quebra uma louça e recebe uma surra. Uma testemunha toma o partido do marido:

“Ora! Quem é que, de vez em quando, não dá uma sovasinha em sua mulher? Ora, ora! Eu que lhe falo..., Sr. juiz...”.

E conclui, sentenciosamente:

“Quem dá o pão, dá o ensino”.

A inversão psicológica — tão surpreendente quanto comum, mesmo ainda hoje — é que a própria vítima, ao final, se considera culpada.

A mulher tenta inocentar Isidoro, afirmando que a culpa foi dela, que ela que provocou, que quebrou uma sopeira...

E, quando o juiz lhe lembra que o marido a agrediu a socos, ela responde:

“Quem dá o pão, dá o ensino”.

Esse sentido agressivo de “ensino” permanece por muitas décadas e, na visão da época, encontra até significado no âmbito religioso: o próprio Deus nos açoita por amor, e um bom pai deve também castigar os filhos. Assim o expressa o jornal católico “A Cruz” (RJ, 26-04-1936), em artigo intitulado “Deus é tão bom e permite guerras...”. A matéria recolhe um suposto diálogo entre crentes:

— Isto tem me dado volta ao miolo — é uma coisa que eu não posso entender. Como é que sendo Deus Nosso Senhor tão bom, dá licença para se fazerem estas coisas! Como é que ele deixa haver estas desgraças. Um pai tão amoroso não devia... Ora aqui está um chefe de família às direitas, incapaz de fazer sofrer os filhos, de os repreender, de os castigar...

— Isso, alto lá, “seu” professor!! “Quem dá o pão dá o ensino”, um pai que não castiga os filhos não é bom pai! E então Deus, com toda a sua autoridade que é infinita, não tem licença para aplicar de vez em quando meia dúzia de açoites em qualquer de nós, ou num povo inteiro, para o chamar ao bom caminho...?

— Lá isso é verdade!...

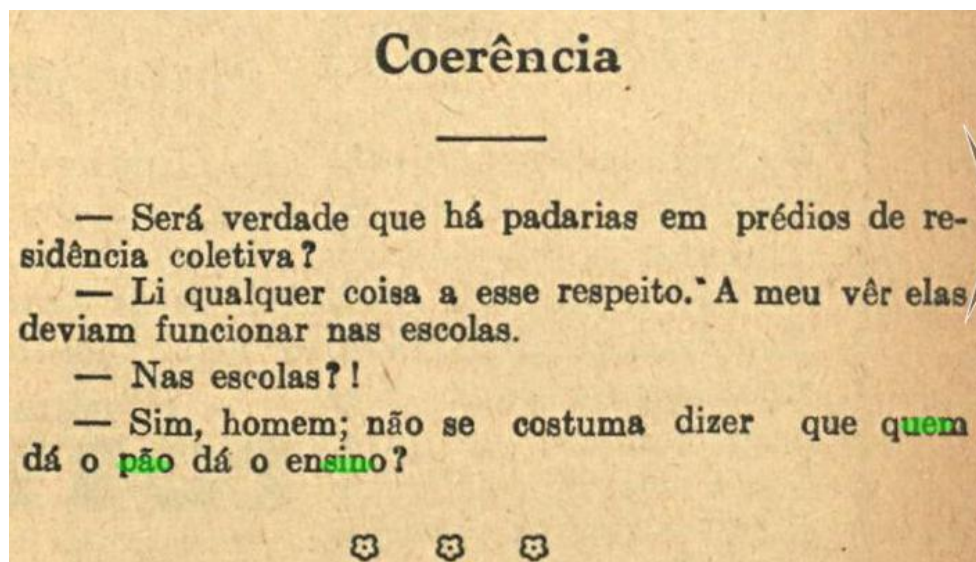
— E olha lá: parece-te que os homens andam pouco precisados de que Deus os afaste dos crimes que se cometem a cada instante no nosso tempo?! Grande favor nos faz Deus em dar-nos volta e meia um puxão

de orelhas para nós nos desviarmos do caminho da perdição, do que leva direito ao inferno.

2. O declínio do “ensino” como violência

Após décadas de vigência – justificando tantos abusos contra as crianças, as mulheres e os subordinados –, o provérbio se desgasta e se torna obsoleto.

Em 1948, já é objeto de piada.



(“Careta” RJ, 09-10-1948)

Já na década de 1950, o provérbio – perdendo o vigor no uso popular – dá a “ensino” um significado mais de acordo com a mentalidade contemporânea, avessa a palmatórias, chineladas, cintadas e outros castigos infantis... E ninguém menos do que a “Eterna Rainha do Rádio”, Emilinha Borba, gravou um baião intitulado precisamente: “Quem dá o pão, dá o ensino”. Só que neste caso, é a mãe, a provedora, quem se sacrifica para dar o pão e a possibilidade de frequentar a escola, para que o filho tenha uma vida melhor:

Quem dá o pão, dá o ensino
Preciso educar êsse menino
Quem dá o pão, dá o ensino
Preciso educar êsse menino

Faço tanto sacrificio
Lavo até roupa pra fora
E o pai dêle tem officio
Valei-me, Nossa Senhora

Quem não aprende, nada sabe
No fundo nada tem
Eu não quero que meu filho
Seja lacaio de ninguém
(“Revista do Rádio” RJ, No. 184, 1953)



Em 1950, quando os governos se sensibilizaram para a necessidade de fornecimento de merendas nas escolas, apoiaram-se no novo sentido de “ensino” no provérbio:

Em 1949 foram fornecidos mais de dez milhões de merendas nutritivas, o que importa em dizer que se cumpre a máxima de que “quem dá o pão dá o ensino”. Assim se pratica de verdade a democracia na nossa metrópole.

(“Ilustração Brasileira” RJ, N.178, 1950)

Na década de 60, o provérbio vai se tornando raro na BN. Uma de suas últimas ocorrências dá-se, curiosamente, no contexto de um ritual bárbaro e sanguinário, no qual os pais de uma menina a cortaram com gilete para beber-lhe o sangue. E a criança relatou que sua mãe, enquanto a cortava, alegava estar dominada por uma entidade que lhe fazia dizer: “Quem dá o pão, dá o ensino”. (“Última Hora”, RJ, 01-12-1965).

3. Considerações finais

Ao término deste percurso, queremos tecer uma breve reflexão.

É surpreendente para o jovem educador de hoje saber que, durante muitas décadas, e ainda em pleno século XX, o vocábulo “ensino” era entendido naturalmente – ao menos em certos contextos, como o do provérbio neste artigo contemplado –

como correção agressiva, o que prejudicou essa tão nobre palavra. Claro que esse “ensinar”, como eufemismo, facilitava a crueldade com que o pai ou o professor agredia fisicamente a criança; o senhor, o escravizado; o patrão, o empregado; o sargento, o soldado; o marido, a mulher.

Se, no plano jurídico e no das *vigências* (no sentido de Ortega y Gasset), a sociedade superou essas práticas funestas, elas subsistem – de modo envergonhado e não declarado – em certos setores que, do mesmo modo que preservam homofobias e racismos enrustidos, continuam pensando: “Se não tomar uns tapas, não endireita”, “Traumas, uma ova; eu apanhei muito de meus pais e é por isso que eu sou um cidadão de bem” etc. Para não falar das grotescas: “Posso não saber por que bato, mas ela sabe por que apanha”, “Uma boa surra de cinto não faz mal nenhum; educa” etc.

Claro que, para alguns que seguem ao pé da letra o Velho Testamento, não faltam confirmações da “palavra de Javé” para essas práticas, como, por exemplo, Provérbios 22, 15: “A insensatez está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a livrará dela”, e tantas outras para os tementes a Deus, o Senhor dos Exércitos.

Finalmente, destacamos a força de um provérbio que conseguiu, por muito tempo, condensar toda uma visão educacional, das relações (e até de mundo) de uma sociedade que se pautava por valores ligados à repressão e ao autoritarismo. E que, embora, no plano formal, tenhamos ressignificado o “ensino” nele contido, ainda hoje a mentalidade que animava aquele sentido arcaico ainda não se extinguiu por completo...

Recebido para publicação em 12-08-26; aceito em 23-08-26